



ESCAVAÇÕES ARQUEOLÓGICAS NO MOSTEIRO DE S. MARTINHO DE TIBÃES

Campanha de 1996

Claustro do Refeitório e Jardim de São Bento



RELATÓRIO CIENTÍFICO

Luís Fernando de Oliveira Fontes

TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS DA U.A.U.M. / MEMÓRIAS, N.º 53, 2015

Ficha Técnica

Editor: **UNIDADE DE ARQUEOLOGIA DA UNIVERSIDADE DO MINHO**
Edifício dos Congregados - Avenida Central, 100
P 4710-229 Braga

Direção: **LUÍS FONTES E MANUELA MARTINS**

Ano: **2015**

Suporte: **EM LINHA**

Endereço eletrónico: <https://www.uaum.uminho.pt/edicoes/revistas>

ISSN: **1647-5836**

Título: **ESCAVAÇÕES ARQUEOLÓGICAS NO MOSTEIRO DE S. MARTINHO DE TIBÃES. CAMPANHA DE 1996. CLAUSTRO DO REFEITÓRIO E JARDIM DE SÃO BENTO. RELATÓRIO CIENTÍFICO**

Autor: **LUÍS FERNANDO DE OLIVEIRA FONTES**



Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS

n.53

2015

ESCAVAÇÕES ARQUEOLÓGICAS NO MOSTEIRO DE S. MARTINHO DE TIBÃES

Campanha de 1996

Claustro do Refeitório e Jardim de São Bento

RELATÓRIO CIENTÍFICO

Luís Fernando de Oliveira Fontes
Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho

Os responsáveis da intervenção arqueológica e subscritores do pedido de autorização de trabalhos arqueológicos reservam-se todos os direitos autorais, nos termos da legislação aplicável, designadamente os consagrados nos Decreto-Lei nº 332/97 e 334/97, de 27 de Novembro (que regulamenta os direitos de autor e direitos conexos) e a lei 50/2004, de 24 de Agosto (que transpõe para a ordem jurídica nacional a Diretiva nº 2001/29/CE, do Parlamento Europeu e do Conselho, de 22 de Maio, relativa a direitos de autor e conexos).

**ESCAVAÇÕES ARQUEOLÓGICAS
NO MOSTEIRO DE S. MARTINHO DE TIBÃES**

CAMPANHA DE 1996

**Claustro do Refeitório
e
Jardim de São Bento**

0

RELATÓRIO CIENTÍFICO

Luís Fernando de Oliveira Fontes

Braga - Tibães

Janeiro de 1997

INDICE

1 - Introdução

2 - As Escavações: descrição e interpretação de Estruturas, Estratigrafias e Espólios

1

3 - Considerações Finais

4 - Ilustrações

4.1 - Desenhos

4.2 - Fotografias

5 - Anexos

Fotocópias dos desenhos de campo

1 - Introdução

Dando sequência ao projeto de estudo histórico-arqueológico implementado em 1992 (ver relatórios e memorandos anteriores), realizou-se em 1996 mais uma campanha de escavações arqueológicas.

Integralmente financiados pelo Instituto Português do Património Arquitetónico e Arqueológico (IPPAR) e executados pela Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, os trabalhos arqueológicos foram realizados pela seguinte equipa: Luis F. de Oliveira Fontes, arqueólogo; Eurico Nuno Malheiro Machado, téc. Aux.; Arlindo da Rocha Pinheiro, Arnaldo Gomes, José da Costa Pinheiro, Francisco Alves Gomes, José Carlos Dias, José Emílio Correia Coelho, Maria Manuela Gonçalves Ferreira e Miguel Fernando Dias Veiga; Ana Maria P. Fernandes Fontes, José Alfredo Lopes Barbosa e Knor Rocha, desenhadores. Fernando Castro, Isabel Fernandes e Ana Bettencourt prestaram colaboração científica nas áreas da Cerâmica Moderna e Pré-história Recente, respetivamente.

No que concerne à metodologia, seguiram-se os procedimentos descritos nos relatórios e memorandos anteriores. Como complemento às descrições apresentam-se fotografias (ver 4.2) e várias plantas gerais das ruínas / vestígios detetadas nas diferentes zonas (ver 4.1), bem como fotocópias de todos os desenhos de campo efetuados, ordenados por zonas (ver 5 - Anexo). A documentação está depositada na Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho e no Museu do Mosteiro de S. Martinho de Tibães.

Devido à ampliação das escavações na zona do jardim da capela de S. Bento, determinadas pela descoberta das fossas escavadas no xisto, não foi possível realizar as sondagens previstas para o passal e para o terreiro de S. João.

2 - As Escavações: descrição e interpretação de Estruturas, Estratigrafia e Espólio

Nesta campanha os trabalhos arqueológicos de escavação incidiram nas alas nascente e meridional do "claustro do refeitório" e no jardim fronteiro à capela de S. Bento. Foram escavados um total de 71 cortes - CR.C5, 6 e 7; CR.E/F (refeitório); SB.4 a 70 - abrangendo uma área superior a 540 m² e um volume de terras removidas da ordem dos 200 m³ (ver plantas das FIG.1a, 1b e 1c).

Apresentam-se a seguir os dados, não relativamente a cada corte em particular mas em relação às grandes zonas acima referidas, devendo-se ter presente que a interpretação é provisória.

CR (Claustro do Refeitório)

Na ala nascente escavou-se toda a metade Sul, colocando-se a descoberto a totalidade de um compartimento (CR.C6/7) e metade de outro (CR.C5). Em CR.C6/7 ficaram visíveis o degrau pétreo e pavimento de tijoleira relacionáveis com a remodelação oitocentista (os degraus reaproveitam lajes com epigrafia funerária de meados do século XVII retiradas do pavimento da igreja) - corresponderá a remodelação semelhante identificada na Sala 2 (ver relatórios anteriores) (ver FIG.2 e FOTO 1, 2, 3 e 4).

A escavação nesta área permitiu identificar com rigor o traçado e alinhamento das paredes principais e secundárias. Pelas características da camada de demolição que sobrepujava a sedimentação de abandono e de incêndio que recobria o pavimento, em que abundavam os fragmentos graníticos de cornija, pode afirmar-se, com pouca margem

de dúvida, que a ala não se elevava acima do piso térreo, isto é, só teria o piso correspondente ao rés-do-chão.

Na ala meridional completou-se a escavação do compartimento correspondente ao refeitório, que ficou agora totalmente delimitado, confirmando-se a caracterização feita já no relatório da campanha de 1994: "(...) os cortes escavados confirmaram a localização do refeitório na ala Sul do claustro com o mesmo nome, possibilitando a definição exacta do seu traçado e modo de implantação. Estendia-se da cozinha até à porta que actualmente liga o claustro à horta pelo lado Sul, fazendo-se o acesso, através de degraus e uma porta, junto ao "lavatório" na confluência com a ala poente. Uma outra passagem, em arco de volta perfeita, ladeada por dois "armários" embutidos na parede, fazia a ligação directa à cozinha, do lado Oeste. As paredes e os pavimentos foram assentes directamente no substrato rochoso (xisto), rasgado e/ou afeiçoado para as/os receber. Com base nos desníveis do subsolo, restos de argamassas, de pavimento de lajes de granito, de painéis de azulejos, de mísulas e do púlpito conservados, é possível reconstruir a organização do espaço interior do refeitório oitocentista - poderoso pavimento central em lajes de granito, a todo o comprimento da sala, rodeado pelos lados Norte, Este e Sul por um socalco mais alto, tipo degrau, obtido pelo recorte do solo. Das paredes saíam mísulas de granito para suportar os assentos dos bancos, sendo as costas destes as próprias paredes, revestidas até meia altura por um rodapé de azulejos polícromos. Embutido a meio da parede Sul, localizava-se um pequeno púlpito, com uma pequena janela rasgada para o exterior, ao qual se acedia por três estreitos degraus. Uma caleira de paredes e cobertura de lajes de xisto passava a meio do refeitório, no sentido Este / Oeste, sob o pavimento. (...)" (ver FIG.3 e FOTO 5, 6, 7 e 8).

Nestes cortes das alas nascente e meridional não se detetaram quaisquer vestígios respeitantes a ocupações anteriores aos séculos XVII

- XVIII, sabendo-se apenas, por documentação escrita coetânea, que a construção do claustro data do primeiro quartel de seiscentos.

A camada de carvões, cinzas e materiais construtivos calcinados que sobressaem na estratigrafia das duas zonas testemunham o incêndio de 1894, relatado com dramatismo na imprensa da época.

O espólio aqui recolhido é quase todo cerâmico e provem das camadas de abandono da última ocupação, predominando os fabricos comuns e faianças dos finais do século XVIII.

SB (S. Bento)

No jardim fronteiro à capela de S. Bento e zonas adjacentes abriram-se 67 cortes (SB.4 a 70). O objetivo inicial era identificar o desenho original dos arruamentos e canteiros do jardim. Face à descoberta de uma fossa escavada no substrato xistoso, em cujo enchimento se recolheu um fragmento de vaso cerâmico com características técnico-formais que apontam para uma datação em torno do 1º milénio a.C., ampliaram-se os objetivos da intervenção arqueológica nesta zona, procurando igualmente definir-se a tipologia da ocupação associável à existência das fossas.

No que respeita ao jardim, releva a identificação da totalidade do seu traçado oitocentista, pois foram colocados a descoberto todos os arruamentos, pavimentados com argamassa de saibro e cal (ver FIG.4 e FOTO 9, 10, 11, 12 e 13). De acordo com a descrição constante do "*Livro das Alfayas de todas as officinas e quintas deste Mosteiro de S. Martinho de Tibaens feito no anno de 1750* " (arquivo do mosteiro beneditino de Singeverga, Santo Tirso), os canteiros definidos pelos arruamentos eram perimetralmente delimitados por murta e ornados com várias árvores desenhando diversas formas geométricas.

Nos inícios deste século, como documentam as fotografias de Rocha Peixoto, o jardim estava já abandonado, com um verdadeiro matagal invadindo os canteiros e percebendo-se mal os arruamentos. No início da intervenção arqueológica já nem sequer se identificavam os arruamentos, conservando-se da ornamentação dos canteiros apenas alguns arbustos, vários deles já com porte arbóreo.

A decapagem cuidadosa da superfície do terreno permitiu colocar a descoberto grande parte dos arruamentos de terra batida, que se conservavam sob a pouca espessa capa herbácea que os recobria. Conforme a planta anexa ilustra (ver FIG.4 e FOTO 23), o desenho do jardim ordena-se no interior de um quadrilátero centrado por um chafariz, para onde convergem, a partir do arruamento perimetral, 12 outros estreitos arruamentos - 4 rectilíneos unindo os vértices do quadrado e 8 em arco de círculo (dispostos aos pares simétricos com concavidade para o interior) unindo o centro dos lados.

Relacionados com os aspetos técnico-construtivos do jardim importa referir três aspetos: a utilização de várias camadas de argamassa nos arruamentos, que consideramos corresponder a uma intenção de conseguir uma melhor consolidação; a implantação superficial de quatro embasamentos de cascalho e calhaus, de forma sub-circular, em torno do chafariz e centrados nos arruamentos no enfiamento dos ângulos do quadrado, cuja funcionalidade desconhecemos mas que poderá estar relacionada com a eventual utilização de cavaletes para montagem do chafariz; o abandono de um troço de murete / alicerce a cerca de 1 metro para Sul do lado meridional do tanque do chafariz, com uma orientação e características construtivas que denunciam o que interpretamos como uma primeira localização do chafariz, que acabaria por ser deslocado para a posição atual.

Particularmente interessante veio a ser a identificação de uma provável área de silagem / armazenamento da pré-história recente, materializada nas cerca de duas dezenas de fossas escavadas no xisto que se identificaram no quadrante sudoeste do jardim (ver FIG.5 e FOTO 14 e 23).

Apresentam todas, em planta, uma forma circular, diferindo porém na secção: umas baixas, quase retangulares; outras de profundidade média e forma semicircular; outras ainda mais profundas e forma em "saco" ou "talha". No conjunto sobressai a fossa dupla do corte SB.14. Na banda exterior do jardim, do lado poente, identificou-se uma outra estrutura, da qual desconhecemos a funcionalidade, correspondente a um sulco largo bem rasgado no xisto, desenhando uma forma em "ómega", com abertura para a zona das fossas (ver FIG.5 e FOTO 15 a 22).

Relativamente às fossas, a ausência generalizada de carvões e de artefactos sugere que não se tratariam de estruturas funerárias. A sedimentação lavada que as preenche (deposição lenta, por arrastamento?) parece denunciar um abandono após o qual teriam ficado abertas. O achado de um bordo e de um fundo de grandes peças cerâmicas em duas das fossas permite-nos colocar a hipótese de se tratar de fossas para acolhimento de vasos-contentores, onde se armazenariam produtos necessários às populações que as construíram.

Tendo em vista identificar a eventual presença de sementes e assim confirmar a utilização das fossas para armazenamento, recolheu-se toda a terra do interior das fossas, para ser crivada e analisada laboratorialmente. A partir dos perfis estabeleceram-se colunas estratigráficas, das quais se recolheram amostras para análises de palinologia, sedimentologia e datação.

No conjunto dos cortes escavados em S. Bento recolheu-se muito pouco espólio, dominando os fragmentos de telha e tijolo. Quanto a louça,

para além de raros fragmentos de faiança, destacam-se os raros fragmentos de fabrico "manual", com características semelhantes às das produções cerâmicas que genericamente se situam nos séculos iniciais do 1º milénio a.C.. Para esta cronologia concorre igualmente a tipologia das estruturas tipo fossa, referenciável em diversas estações arqueológicas do Noroeste português.

Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS, 53, 2015

3 - Considerações Finais

Os resultados obtidos confirmaram amplamente as expectativas iniciais, revelando-se particularmente importantes na zona da capela de S. Bento, onde se identificaram, sob o traçado do jardim oitocentista que se conseguiu reconstituir completamente, estruturas associáveis a uma ocupação da pré-história recente (1º milénio a.C.?).

A escavação dos cortes no "Claustro do Refeitório" revelou-se fundamental para a compreensão da sua planimetria e da distribuição funcional dos seus espaços. Neste momento está já disponível a informação necessária ao desenvolvimento de um projeto que, tal como defendemos em relatórios e comunicações anteriores, se oriente não para a sua reconstrução mas antes para a sua conservação e leitura enquanto espaço arruinado, consolidando-se precisamente a ruína, promovendo a sua integração no circuito de visita e garantindo assim uma compreensão global da evolução do monumento.

Relativamente ao espólio, importa referir duas vertentes - a da conservação e a do estudo. Quanto à primeira, encontra-se em fase de conclusão o restauro e desenho de um lote de cerca de 50 peças consideradas significativas, feitos por técnicos do Museu D. Diogo de Sousa - Braga. Relativamente ao estudo devem assinalar-se os avanços feitos na identificação e caracterização dos fabricos de louça preta, em especial o que apresenta decoração com palhetas de moscovite. Tal como se havia previsto, vai-se dando corpo a uma coleção museológica de arqueologia, acrescentando-se assim mais um valor ao Mosteiro de Tibães.

Braga / Tibães, Janeiro de 1997

Luís Fernando de Oliveira Fontes
(Arqueólogo - UAUM)

Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS, 53, 2015

4.1 - Desenhos

Legenda

FIG. 1a - Planta geral do mosteiro de Tibães com indicação das zonas intervencionadas em 1996.

FIG. 1b - Planta parcial do mosteiro de Tibães com localização dos cortes no "claustro do refeitório".

FIG. 1c - Planta parcial do mosteiro de Tibães com localização dos cortes no jardim da capela de S. Bento.

FIG. 2 - Cortes CR.C5, 6 e 7. Planta geral dos vestígios detectados, esc. 1:20.

FIG. 3 - Cortes CR.E / F (zona do refeitório). Planta geral dos vestígios detectados, esc. 1:20.

FIG. 4 - Jardim da capela de S. Bento. Planta geral dos vestígios dos arruamentos originais, esc. 1:100.

FIG. 5 - Jardim da capela de S. Bento. Planta geral com localização das fossas escavadas no xisto, esc. 1:50.

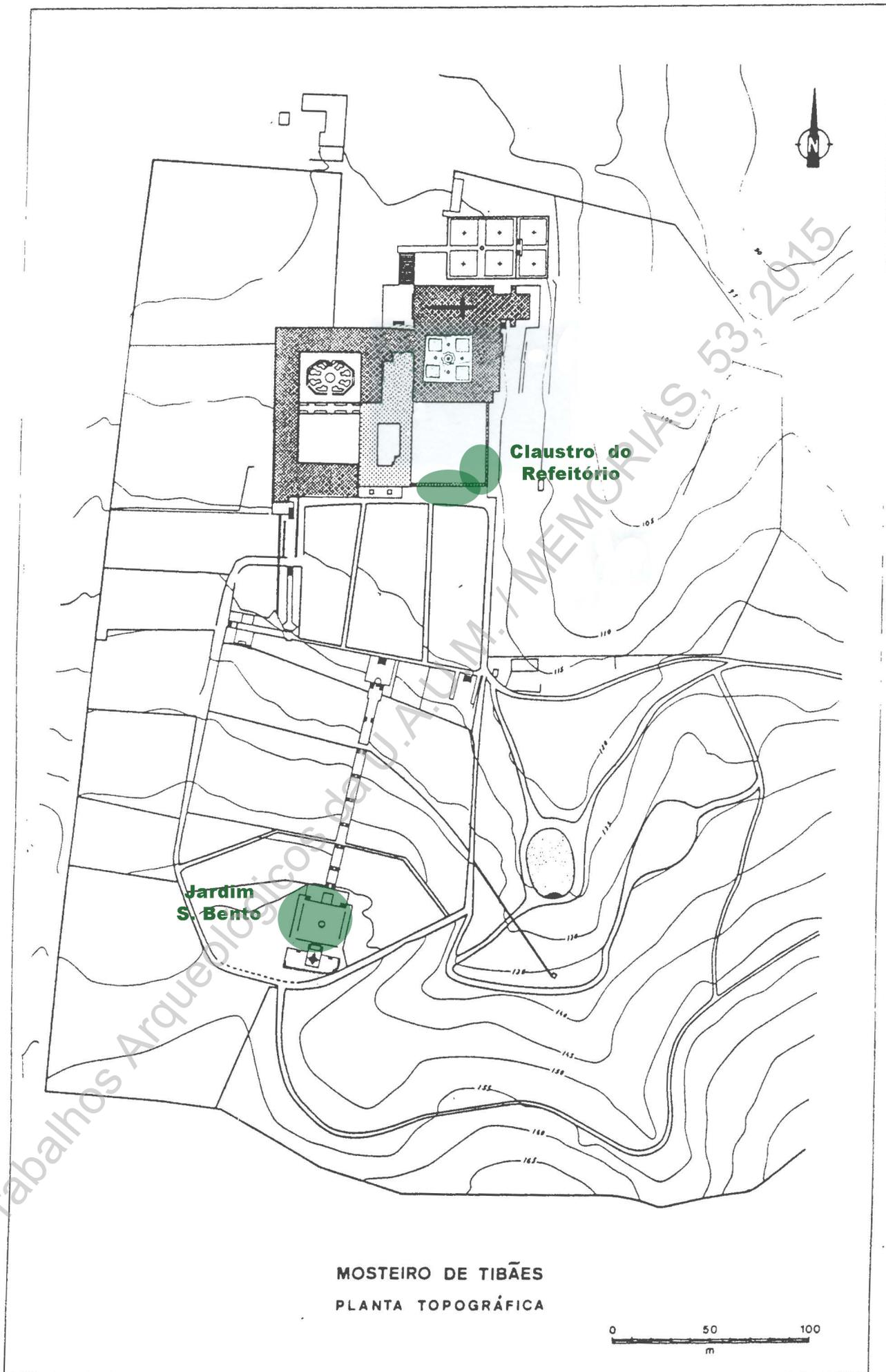
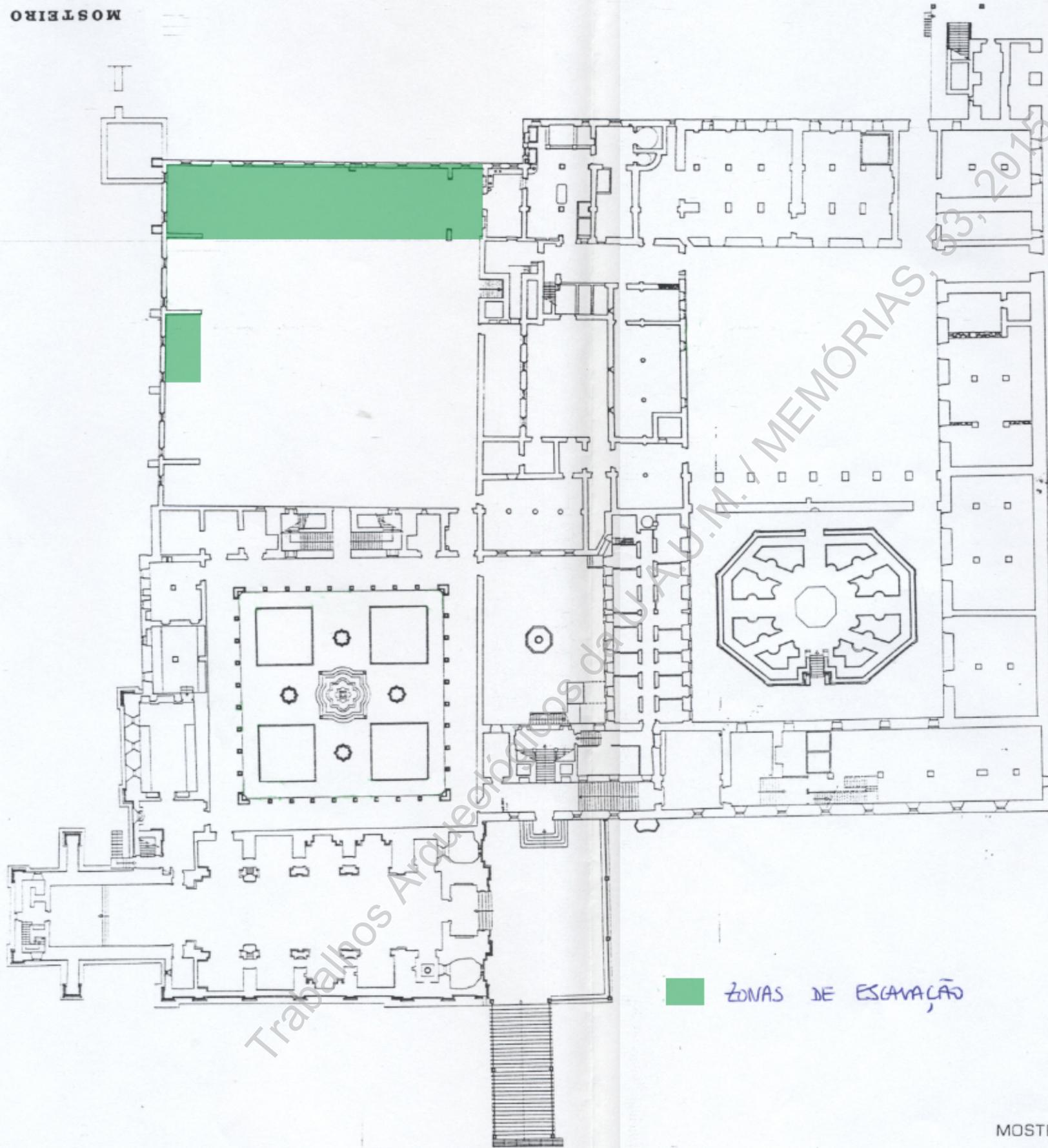


Fig.1A

MOSTEIRO DE TIBÃES
PLANTA DO PISO 2



■ ZONAS DE ESCAVAÇÃO



MOSTEIRO DE TIBÃES
PLANTA DO PISO 2

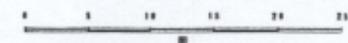
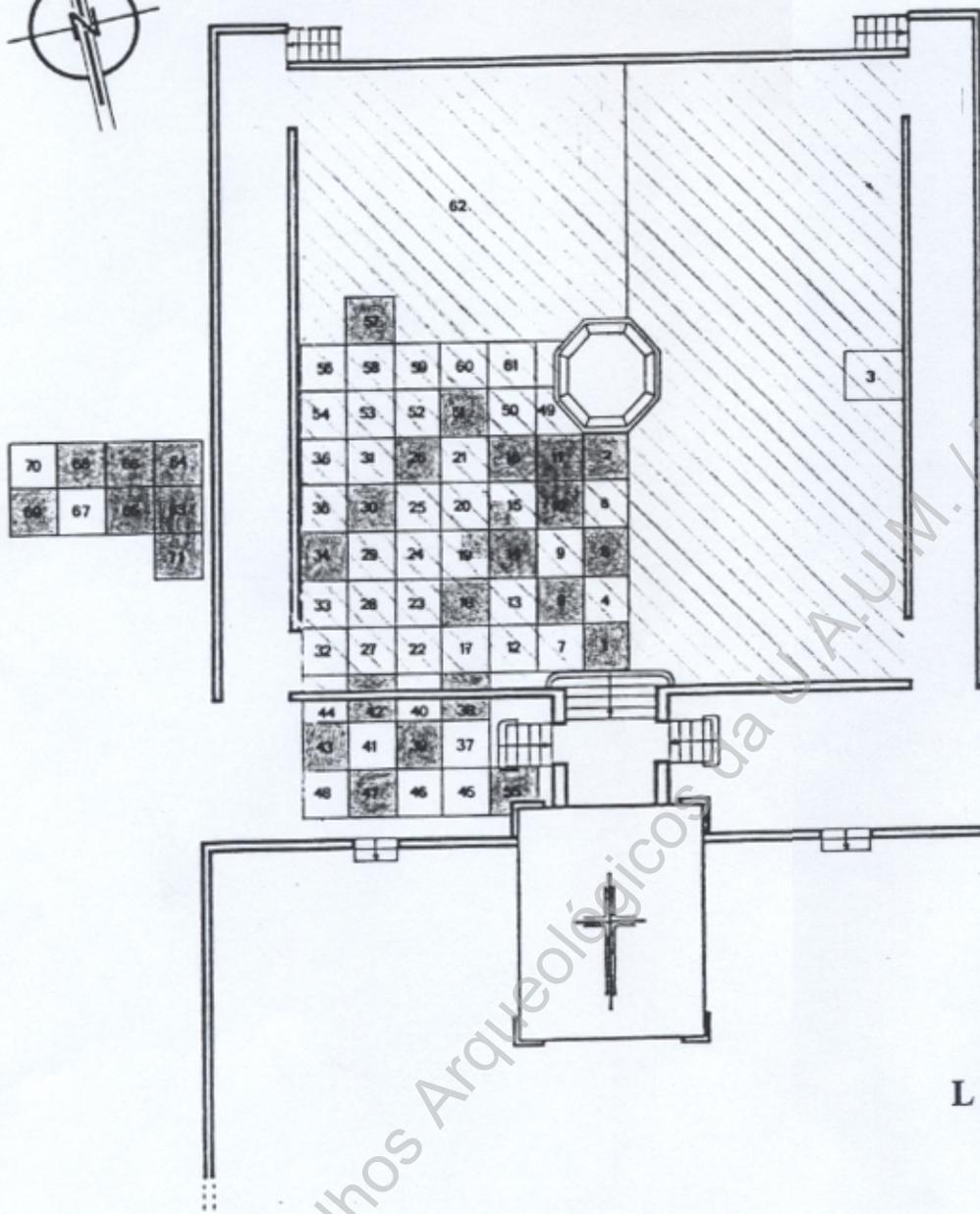


Fig. 1b



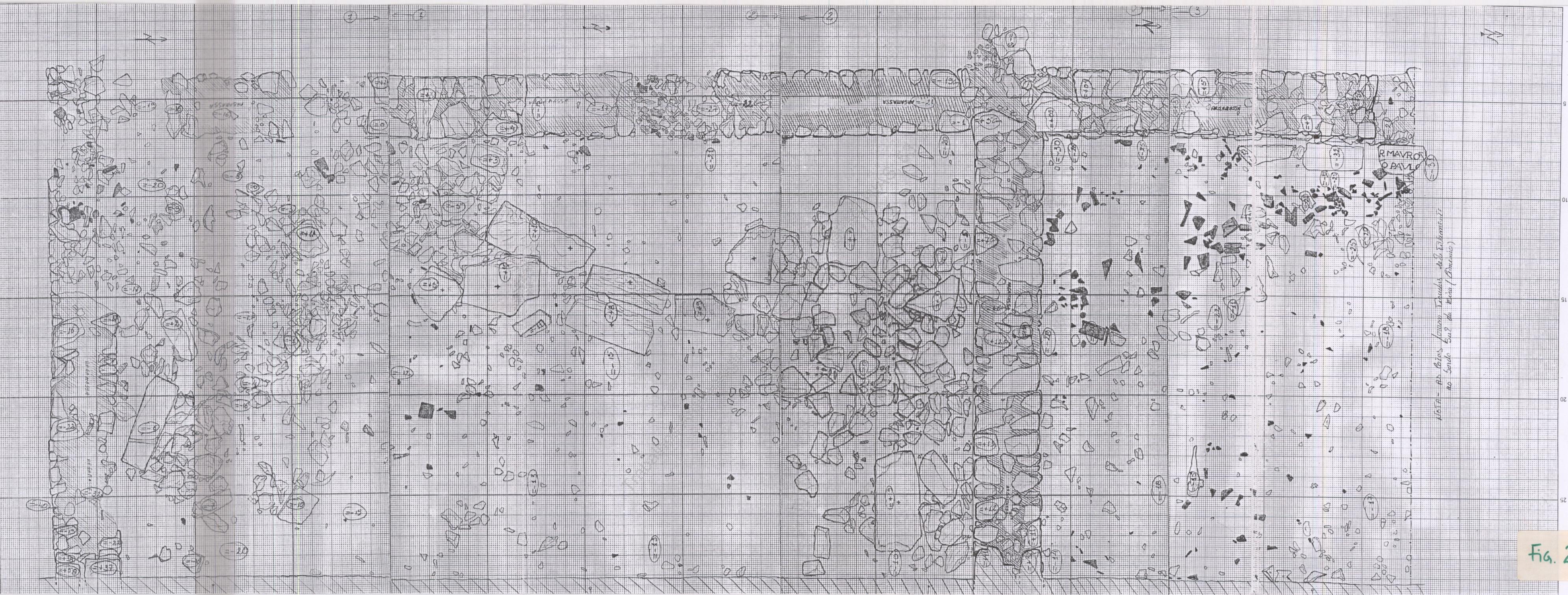
LEGENDA

-  ESCAVAÇÃO TOTAL
-  ESCAVAÇÃO PARCIAL

S. BENTO (SB)

ESCALA: 1/250

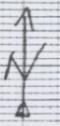
Fig. 1c



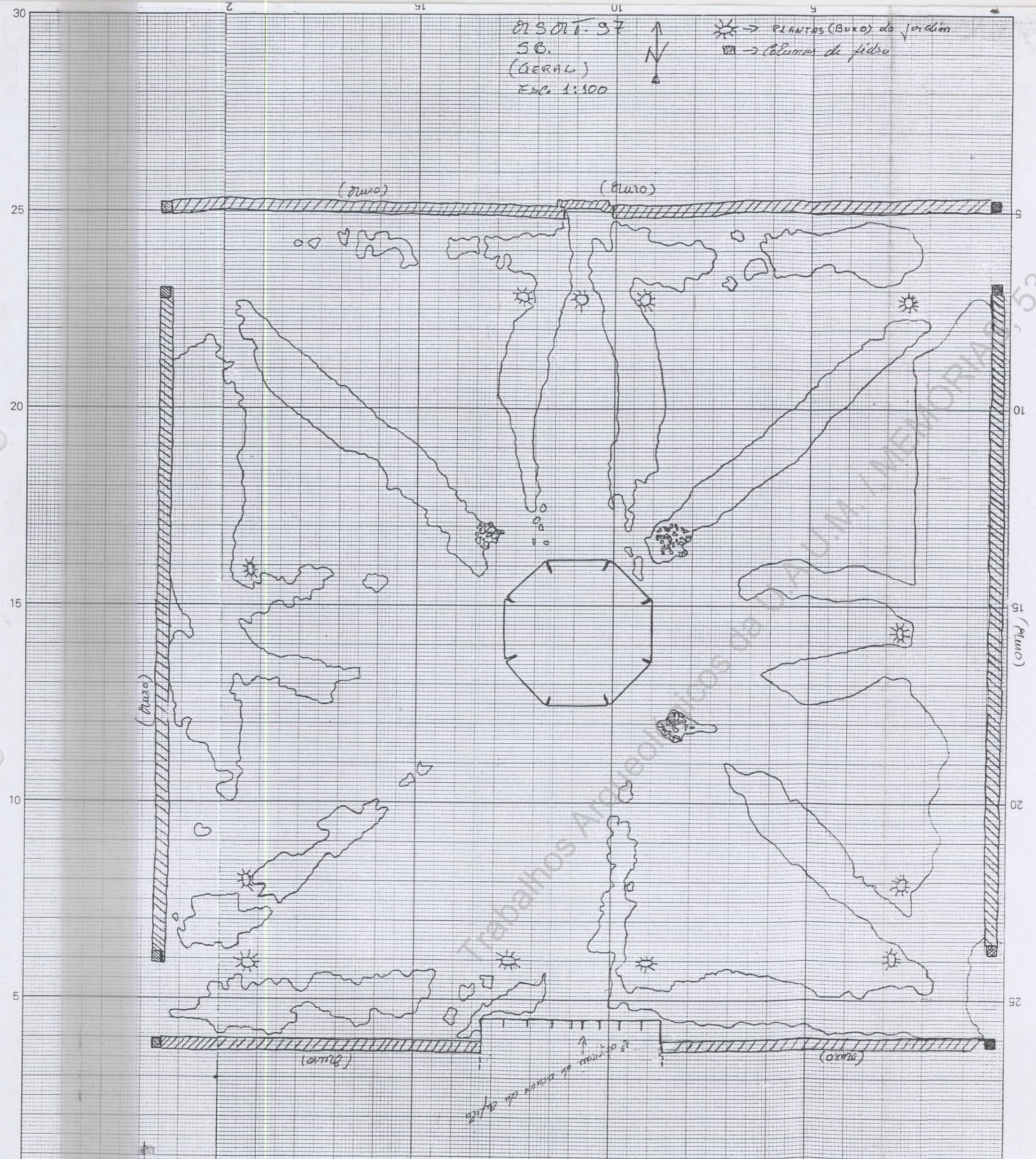
NOTA - As Colunas (colunas) Tetrastilas de 6 Colunas
 no Sudoeste da Sala (Entrada)

Fig. 2

013011-97
SO.
(GERAL)
Escala 1:300

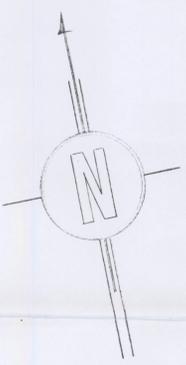


☀ → PLANTAS (Buxo) do Jardim
▨ → Colunas de ferro



Trabalhos Arqueológicos da U.F.A.U.M. - MEMÓRIAS 53, 2015

Fig. 4



Trabalhos Arqueológicos da U.A.L.M. / MEMÓRIAS, 53, 2015

TIBÃES / S.BENTO

ESC. 1/50

LEGENDA

- FOSSA
- ESCAVADO
- NÃO ESCAVADO

LEGENDA

- ESCAVAÇÃO TOTAL
- ESCAVAÇÃO PARCIAL

ESCALA: 1/250

4. 2 - Fotografias

Legenda

- 1 - Cortes CR.C5, 6 e 7. Vista geral no início dos trabalhos.
- 2 - Corte CR.C6-7. Pormenor da parte superior da camada de demolição, evidenciando-se alguns elementos da cornija.
- 3 - Corte CR.C6-7. Fase de escavação evidenciando a camada detrítica de incêndio.
- 4 - Corte CR.C6. Pormenor do pavimento de tijoleira.
- 5 - Zona do refeitório. Aspeto dos trabalhos iniciais de remoção de terras.
- 6 - Zona do refeitório. Vista geral evidenciando o pavimento de lajes graníticas.
- 7 - Idem, ângulo inverso.
- 8 - Idem, pormenor da caleira, aberta na rocha, que corre sob o pavimento no sentido E - O.
- 9 - Jardim da capela de S. Bento. Vista parcial com cortes em início de escavação.
- 10 - Idem, outra fase de escavação.
- 11 - Idem, pormenor dos arruamentos oitocentistas do jardim, feitos de saibro argiloso.
- 12 - Idem, idem, outro pormenor.

13 - Idem, pormenor da canalização, hoje desativada, que originalmente aduzia água à fonte central do jardim.

14 - Idem, vista do conjunto das fossas na zona centro Oeste do jardim, em fase de escavação.

15 - Idem, corte SB.51. Pormenor de fossa aberta na rocha após escavação do enchimento.

16 - Idem, corte SB.14. Fossa em fase de escavação do enchimento.

17 - Idem, idem, após escavação do enchimento.

18 - Idem, idem, após escavação alargada aos cortes SB.15 e SB.19.

19 - Idem, corte SB.16. Fossa em fase de escavação do enchimento.

20 - Idem, idem, após escavação do enchimento.

21 - Idem, cortes SB.63, 65 e 69. Vista parcial de estrutura semicircular escavada na rocha.

22 - Idem, cortes SB.63 e 71. Vista geral da estrutura após escavação.

23 - Idem, vista geral do jardim evidenciando-se os arruamentos e o conjunto de fossas da zona central.



1



2

Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS, 63, 2015



3



4



5



6



7



8



9



10



11



12



13



14



15



16



17



18



19



20



21



22



Fotocópias dos desenhos de campo

Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS, 53, 2015